

A ABORDAGEM SOBRE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Roberto Carlos Machado
Prefeitura Municipal de Cariacica

RESUMO

Este trabalho é um recorte do trabalho de conclusão de curso, do curso de Especialização em Atendimento Educacional Especializado na Perspectiva da Educação Inclusiva. O objetivo deste trabalho foi investigar junto a professores do ensino fundamental de nove anos a abordagem sobre altas habilidades/superdotação em suas formações, seja inicial ou continuada, e qual ou quais características deve ter o docente para atuação junto a esse público alvo da educação especial. A pesquisa contou com a participação de quinze professores dos anos iniciais aos anos finais do ensino fundamental, ressaltase a participação de professores de artes e educação física, que atuam em todos os anos. O instrumento utilizado para investigação foi o questionário semiestruturado, com abordagens quantitativas e qualitativas. Foi dada liberdade aos entrevistados de expressar livremente suas ideias e concepções sobre altas habilidades. A maioria das respostas estava em consonância com a fundamentação legal e teórica, mas ainda é um tema pouco explorado na formação docente. O desenvolvimento da pesquisa se baseou na perspectiva histórico-cultural, por se tratar da procura contínua por meio da formação, em que o professor, por meio de reflexão e ação, se modifica, se reinventa, provocando mudanças culturais e sociais em seu meio. Este estudo sinaliza que altas habilidades/superdotação é um tema pouco aprofundado na formação docente e indica que as políticas públicas nessa área de conhecimento apresentam carência em investimentos, especialmente na circulação de informações sobre altas habilidades, para que os professores possam refletir sobre suas práticas cotidianas na intervenção com esses alunos.

Palavras-chave: Educação especial. Altas habilidades/superdotação. Formação docente.

INTRODUÇÃO

Este texto é uma síntese do trabalho de conclusão do curso de Especialização Lato Sensu em Atendimento Educacional Especializado na Perspectiva da Educação Inclusiva, desenvolvido pela Universidade Federal do Espírito Santo

em parceria com o Ministério da Educação, concluído em março de 2016, sob a orientação da Professora Mestre Helen Cristina Correia¹.

O presente trabalho faz abordagens sobre o tema altas habilidades/superdotação (AH/SD) na formação de professores que atuam em sala de aula no ensino regular, e as características deve ter o professor para trabalhar com esse aluno. Pois, como professor que trabalha em Sala de Recursos Multifuncional, com atendimento a alunos que apresentam indícios de altas habilidades/superdotação, me senti instigado a buscar dados junto aos professores que atuam em sala de aula, quais concepções e características que o professor deve ter para atuar com esses alunos, visto que, era perceptível a conceituação de cada um no âmbito das conversas informais, porém sem adentrar nas concepções legais e teóricas que embasam o atendimento educacional especializado a esses alunos.

Neste trabalho o termo adotado é altas habilidades/superdotados ou superdotação por estar de acordo com os documentos oficiais e com a legislação que regula a educação, acrescido do termo “indício” antecedendo as palavras altas habilidades/superdotação.

De acordo com CRUZ (2014), indício é a provável existência de sinal, vestígio. Assim, o termo “indícios de altas habilidades/superdotação” é a terminologia que “expressa mais claramente o nosso entendimento quanto à constituição do sujeito, aqui percebido como resultante da interação dos fatores biológicos com os processos sociais e culturais” (p. 16).

Temos encontrado avanços significativos nas pesquisas que envolvem as questões relacionadas a educação especial, como no banco de teses e dissertações da CAPES e do Programa de Pós-Graduação em Educação de várias universidades federais e privadas, percebe-se um número maior de investigações voltadas para as deficiências e transtornos se comparado a altas habilidades/superdotação.

¹ Professora Mestre do curso de Especialização Lato sensu em Atendimento Educacional Especializado na Perspectiva da Inclusão, promovido pela Universidade Federal do Espírito Santo em parceria com o Ministério da Educação, pedagoga da rede municipal de Vitória. Integra o Grupo de Estudos sobre Autismo, vinculado ao Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Especial da UFES.

Nesse sentido, a LDBN 9394/96, artigo 59, inciso III diz que, para o atendimento aos alunos público alvo da educação especial, os professores deverão ter especialização adequada, bem como os de ensino regular, a capacitação para a integração desses alunos.

Porém, os professores, ao buscar a formação continuada, encontram a sua disposição formações mais direcionadas para deficiências, e poucas para altas habilidades/superdotação, apesar da previsão legal (Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2007), Resolução 4/2009, Decreto 7611/2011).

REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa contou com o aporte teórico na perspectiva de Renzulli (1994), por meio da teoria dos três anéis e dos modelos de enriquecimento curricular tipos I, II e III, Gardner (1995) com a teoria das inteligências múltiplas, bem como a contribuição de Guenther (2006), Perez e Freitas (2012), Barreto e Mettrau (2011), entre outros.

O desenvolvimento da pesquisa teve como base a perspectiva histórico-cultural, por se tratar da procura contínua por meio da formação, em que o professor, por meio de reflexão e ação, se modifica e se reinventa, provocando mudanças culturais e sociais em seu meio.

OBJETIVOS

Essa pesquisa teve como objetivo investigar junto aos professores que atuam em sala de aula, se houve abordagens sobre educação especial, mais especificamente no que se refere a altas habilidades/superdotação em suas formações, seja inicial e/ou continuada, e também sobre características que o professor deve ter para trabalhar com esses alunos.

METODOLOGIA

De acordo com o que já foi mencionado, o presente trabalho teve como objetivo, a reflexão sobre a formação do professor que atua em sala de aula com alunos que apresentam indícios de altas habilidades/superdotação.

Essa investigação tem caráter qualitativo e cunho exploratório (GIL, 2008; RAMPAZZO, 2009) que busca junto aos professores, informações sobre sua formação inicial e continuada para a prática pedagógica com os sujeitos que apresentam indícios de altas habilidades/superdotação.

A pesquisa foi realizada em uma escola de ensino fundamental do município de Cariacica com professores que atuam no ensino fundamental de nove anos, ou seja, professores dos anos iniciais e dos anos finais do ensino fundamental.

O levantamento de dados foi por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas na escola de atuação dos participantes. Foram convidados todos os professores que atuam nos turnos matutino e vespertino, dos quais, quinze aceitaram participar da pesquisa.

Neste trabalho, foi analisado questões relacionadas a formação inicial/continuada dos docentes, e quais características o professor deve ter para atuar com alunos que apresentam indícios de altas habilidades/superdotação.

A análise de dados, procurou dialogar com a fala dos professores e os referenciais utilizados, com o propósito de alcançar os objetivos da pesquisa.

Acerca da identidade dos participantes da pesquisa, é importante esclarecer que os professores foram identificados por algarismos sequenciais de um a quinze, precedido do termo docente.

DESENVOLVIMENTO

Os participantes da pesquisa

As entrevistas foram realizadas na própria escola dos participantes, conforme a disponibilidade de cada um. Os participantes da pesquisa, de acordo com a atuação foram, cinco que atuam nos anos iniciais e dez que trabalham por área, principalmente nos anos finais do ensino fundamental, incluindo nesse grupo os professores de artes e educação física, que transitam em todos os anos do ensino fundamental.

O instrumento de coleta de dados

Nessa pesquisa foi utilizada a entrevista semiestruturada por meio de um roteiro de perguntas, e considerando o público alvo da pesquisa, o momento e o contexto histórico, considerei o instrumento mais adequado para a coleta de dados.

Nesse liame, Triviños (2009, p.145) nos diz que a entrevista semiestruturada “[...] oferece perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação”.

A pesquisa envolveu um total de quinze professores, com idade entre trinta e sessenta e dois anos, perfazendo a média simples em torno dos quarenta e dois anos de idade.

A análise de dados com base em Triviños (2006), foi dividida em dois eixos, o primeiro relacionado as concepções que os professores têm sobre altas habilidades/superdotação. O segundo traz questões relacionadas a formação inicial e continuada dos docentes, bem como as características do professor para atuar com alunos que apresentam indícios de altas habilidades/superdotação.

Na análise de dados, procuro estabelecer diálogo entre a fala dos professores e os referenciais utilizados, com o propósito de alcançar os objetivos deste trabalho.

Concepções sobre altas habilidades/superdotação

Cada docente apontou seu conceito de Altas Habilidades/Superdotação, mostrando pontos em comum na maioria das respostas do que vem a ser AH/SD para eles.

Foi possível constatar a utilização de diferentes termos para se referir ao aluno com altas habilidades/superdotação, como potencial “além do saber da idade do aluno”, talento, talento especial, capacidade acima da média etc. Miranda (1998) chama a atenção também para os diversos conceitos de inteligência desenvolvidos por diferentes pesquisadores.

Diante das colocações dos professores, é possível observar que, para eles, alunos com altas habilidades/superdotação são sujeitos que apresentam uma capacidade intelectual acima da média se comparado a seus pares. Também é posto pela maioria que são alunos que podem apresentar essa capacidade em uma área específica ou associada a outras.

Anjos (2011), ao se referir ao conceito de altas habilidades/superdotação, nos fala que:

As pesquisas apontam para a existência de vários conceitos e definições para as pessoas com altas habilidades/superdotação, esses conceitos se assemelham, no sentido de considerar que essas pessoas apresentam alta capacidade ou potencial em uma ou mais áreas de seu desenvolvimento, sendo necessário atendimento educacional, tanto para estimulação como para o desenvolvimento dessas habilidades (p.86).

Atendimento diferenciado

Anjos (2011) destaca a necessidade de atendimento diferenciado para a estimulação e desenvolvimento das habilidades apresentadas pelos alunos com indícios de altas habilidades/superdotação.

Para a autora:

Nos últimos anos, o reconhecimento da necessidade e importância de criar estratégias de atendimento para as pessoas com altas habilidades/superdotação tem sido bastante discutido, principalmente no sentido de buscar alternativas que consigam atingir essa clientela. É necessário intervir junto a esses alunos, pois têm os mesmos direitos que os demais alunos, o direito a um currículo adequado às suas necessidades individuais e que lhes permita desenvolver suas habilidades (p.82).

Nesse sentido, ao serem questionados se os alunos com altas habilidades/superdotação necessitam de atendimento diferenciado, todos os professores afirmaram que esses alunos precisam de um atendimento diferenciado que os atenda em suas especificidades.

Não oportunizar o desenvolvimento aos alunos com indícios de altas habilidades/superdotação, fará com que ele se sinta forçado a se manter na média dos seus pares no âmbito escolar. De acordo com Holingworth (apud WINNER, 1998):

Quando uma criança superdotada é deixada à deriva, não é reconhecida na escola, é confinada ao que é determinado pelas capacidades da média, ela tem pouco a fazer. Ela recebe prática diária em hábitos de ócio e devaneio. Suas habilidades jamais serão genuinamente desafiadas e a situação é tal que constrói nela expectativas de uma existência sem esforço (p.194).

Observamos aproximação com a ideia apontada acima na fala do docente cinco:

É importante dar um atendimento adequado para esses alunos, para direcionar melhor suas habilidades, e incentivá-los. Caso contrário, esses alunos poderão ficar desmotivados.

FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA

Ao serem questionados sobre o tema educação especial em suas formações e se foram trabalhados conteúdos referentes a altas habilidades/superdotação, a maioria dos professores responderam que a abordagem sobre educação especial esteve presente na formação, se não foi na inicial, foi na continuada, por meio de especialização, cursos de extensão, cursos avulsos ou ofertados pela própria Secretaria de Educação.

Mas, ao abordar sobre altas habilidades/superdotação, em torno de cinquenta por cento dos professores informaram que em suas formações não houve trabalhos envolvendo AH/SD e que, quando houve, foram apenas citados ou mencionados de forma superficial. Apenas uma professora confirmou a abordagem em um curso de especialização em educação especial.

Nesse contexto, os professores apresentam consciência de que a formação docente não se situa apenas na graduação, mas durante toda a vida laboral. Eles informaram que para atuar com alunos que apresentam altas habilidades/superdotação é necessário conhecimento sobre esse campo da educação especial, seja por meio de capacitação ou especialização, para que os alunos possam ser atendidos em suas peculiaridades.

CARACTERÍSTICAS QUE O PROFESSOR DEVE APRESENTAR PARA ATUAR COM ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Para atuar com alunos com indícios de altas habilidades/superdotação, o professor não precisa ter altas habilidades, mas, é necessário que seja um pesquisador, que esteja sempre estimulado a enfrentar desafios, ter consciência de que não sabe tudo, e que o processo de desenvolvimento do aluno também é parte do seu próprio desenvolvimento, no qual é o principal mediador.

Freeman e Güenther (2000), afirmam que todo esforço educacional tem como base a ação do professor que atua diretamente com o aluno.

Assim, o professor é colocado como o principal mediador das ações educacionais no contexto escolar, em um processo social e histórico, com o objetivo de alcançar níveis de excelência no desenvolvimento dos alunos.

O processo de mediação, na perspectiva histórico-cultural, é a relação entre o homem com o mundo (objetos) e com outros homens na sociedade. (Vygotsky, 2007).

Assim, na escola o professor se torna o principal mediador entre o desenvolvimento real e o potencial do aluno e de suas práticas.

Colaço et. Al (2007) afirmam que:

No ambiente escolar, situações didáticas que favorecem o intercâmbio entre as crianças e destas com o professor são ricos espaços de discussão que geram uma contínua construção de mediadores semióticos envolvidos na realização de tarefas. (p.54).

Nesse sentido, busquei junto aos professores participantes, quais características deve ter o professor para atuar com alunos que apresentam indícios de altas habilidades/superdotação.

O docente quatro, nessa perspectiva, contribui dizendo que “*o professor deve ser mediador da aprendizagem, ter consciência de que irá ensinar, mas também aprender.*”

Para refletir sobre as características Oliveira e Barreto (2000), diz que:

No caso específico do portador de altas habilidades, é fundamental que o professor esteja preparado para enfrentar desafios e vivenciar situações difíceis. Deve funcionar como um facilitador para este tipo especial de aluno, para que ele não se perceba apenas como alguém diferente, e sim como alguém que pode contribuir, trocar, aprender e interagir (p. 73-74).

Considerar as atribuições do professor é pensar no devir, é pensar ações que poderão proporcionar mudanças significativas para a sociedade, pois ser professor é pensar no futuro e projetá-lo, é apresentar para o aluno a possibilidade de mudanças, de ir além. Nesse sentido, e apontando a responsabilidade de ser professor, Meirieu (2006) afirma que:

Tornar-se professor é, de fato, investir no futuro. [...] Seria realmente um grande equívoco perder as esperanças no futuro quando na verdade todo nosso trabalho consiste em convencer cada aluno de que, contra qualquer fatalidade, existe a possibilidade de um futuro diferente para ele. Um futuro no qual, desde que tenha êxito na aprendizagem, ele poderá compreender-se melhor e compreender o mundo: assumir, prolongar e assim subverter a própria história (p. 85).

Outro ponto abordado na pesquisa foi se para atuar junto a alunos que apresentam indícios de altas habilidades/superdotação, o professor também deve ter altas habilidades/superdotação.

Nesse sentido, o docente dois diz que *“O docente deve ter interesse em conhecer e aprender ‘o novo’. Estar disposto a adquirir informações, conhecimentos que venham melhorar sua atuação”*.

Em relação ao professor ter altas habilidades/superdotação para trabalhar com alunos com indícios de AH/SD, Freeman e Güenther (2000) dizem que:

Não parece ser necessário que o professor de crianças bem-dotadas seja, ele mesmo, uma pessoa excepcionalmente capaz, mas é evidente que ele deve demonstrar e cultivar interesse por esse tipo de trabalho, alargar sua visão sobre a problemática da dotação e talento humano, esclarecer sua própria posição e valores em relação à área, e sobretudo aprender, estudar, adquirir o conhecimento necessário para melhor se desincumbir de sua tarefa (p. 147).

Continuam as autoras:

Mas um professor não tem que ser um poço de sabedoria, ou uma enciclopédia de conhecimentos, para trabalhar com crianças altamente capazes e talentosas. Ao invés disso, o que de fato precisa é estar altamente motivado a aprender junto com as crianças (p. 148-149).

Nesse sentido, Freire (2006), nos diz que ensinar, exige pesquisa:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (p. 29).

Freire (2006) nos instiga a refletir sobre nossa prática, nossa formação e sobretudo se somos professores pesquisadores, pois, por meio da pesquisa, que é um processo inerente ao docente, que será possível alcançar níveis de excelência na prática de ensinar e aprender.

CONCLUSÕES

A proposta em investigar sobre as concepções que os professores têm sobre o tema altas habilidades/superdotação, que abordagens sobre o tema vivenciaram ou vivenciam em suas formações (inicial ou continuada), bem como que características o docente deve ter para trabalhar com esse aluno, deve-se a inquietação em observar no cotidiano escolar posicionamentos sobre conceitos de altas habilidades, e haver pouca, ou nenhuma referência teórica sobre AH/SD nesse espaço, e que o que se faz para o desenvolvimento desses alunos ainda é pouco.

Diante dessa inquietação, considere que o primeiro passo para compreender essa tensão é buscar junto ao corpo docente quais conhecimentos eles têm sobre o tema, além do “ouvir dizer”.

Os professores trouxeram contribuições significativas que permitem inferir sobre o que eles já conhecem sobre o tema e o que ainda se faz necessário investigar. Todos os pesquisados de alguma forma já têm determinado conhecimento sobre altas habilidades/superdotação, mesmo que seja de “ouvir dizer”.

Que tipo de aluno é esse, que características ele tem, como encontrar esse aluno, que ou quais instrumentos utilizar para identificar esse aluno, qual a proposta pedagógica para suprir suas necessidades? Respostas a esses

questionamentos deveriam vir na formação dos professores, seja inicial ou continuada.

Nesse sentido, Vieira e Jesus (2011) apontam as dificuldades encontradas nas instituições que trabalham com a perspectiva do aluno padrão, em contextos heterogêneos, em que os alunos possuem ritmos diferenciados de aprendizagem.

Para trabalhar nesse contexto heterogêneo se fazem necessárias posturas reflexivas e críticas dos professores. Para Vieira e Jesus (2011),

Cabe valorizar perspectivas de formação que promovam a preparação de professores críticos e reflexivos, que também assumam a responsabilidade de seu desenvolvimento profissional e que participem como protagonistas na implementação de políticas educativas capazes de garantir a qualidade do ensino ministrado nas escolas públicas de Educação Básica (p. 146).

Os autores nos instigam a refletir e sair da “zona de conforto”, quebrar paradigmas e ser ator ativo nas ações que perpassam o trabalho docente.

Sair dessa “zona de conforto” significa que devemos buscar o diálogo e, proporcionar a circulação de informações. Barreto e Mettrau (2011), sinalizam que as informações sobre altas habilidades não devem ser apenas voltadas para conceitos e características, mas que estas sejam voltadas para o processo ensino-aprendizagem, por meio de planejamentos que atendam os alunos com indícios de altas habilidades/superdotação em suas especificidades.

Diante do exposto, é possível concluir que este tema precisa ser mais dialogado nos espaços escolares e nos ambientes de formação docente, pois a carência de circulação de informações contribui para a perpetuação de mitos sobre esses alunos.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Isa Regina Santos dos. **DOTAÇÃO E TALENTO: CONCEPÇÕES REVELADAS EM DISSERTAÇÕES E TESES NO BRASIL**. 2011. 190 f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos. 2011.

BARRETO, Célia Maria Paz Ferreira; METTRAU, Marsyl Bulkool. **Altas Habilidades: Uma Questão Escolar**. Revista Brasileira de Educação Especial. Marília. V.17. n3. P 413-426, Set-Dez, 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbee/v17n3/v17n3a05.pdf>. Acesso em 18 de dezembro de 2015.

BARRETO, Célia Maria Paz Ferreira; OLIVEIRA, Rosimeri Gomes de. **Os Portadores de Altas Habilidades: A importância do Professor**. In: METTRAU, M. B. (Org.). **INTELIGÊNCIA: PATRIMÔNIO SOCIAL**. Rio de Janeiro: Dunya, 2000. p. 67-75.

BRASIL. CNE. CEB. **Resolução nº 02, de 11 de setembro de 2001**. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em 29 de dezembro de 2014.

_____. CNE. CEB. **Resolução nº 04, de 02 de outubro de 2009**. Institui as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica – Modalidade Educação Especial. Disponível em http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf. Acesso em 29 de dezembro de 2014

_____. **Decreto nº 6.751, de 17 de março de 2008**. Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do art.60 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto n. 6.253, de 13 de novembro de 2007. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12507&Itemid=826 acesso em 01/08/2015

_____. **Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009**. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm. Acesso em 15 de outubro de 2015.

_____. **Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011**. Dispõe sobre a **educação especial**, o atendimento educacional especializado e dá outras

providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm. Acesso em 25 de setembro de 2015.

_____. Lei **9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Acesso em 28 de novembro de 2015.

_____. MEC/SEESP. **Nota Técnica nº11 de 2010**. Dispõe sobre Orientações para a institucionalização da oferta do Atendimento Educacional Especializado – AEE em Salas de Recursos Multifuncionais, implantadas em escolas regulares. Disponível em: www.mec.gov.br/seesp. Acesso em 10 de julho de 2015.

_____. MEC/SEESP. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília. 2008. Disponível em: www.mec.gov.br/seesp. Acesso em 19 de novembro de 2015.

_____. MEC. Secretaria de Educação Especial. Orientações de implementação de núcleos de atividades de altas habilidades/superdotação – NAAH/S. Brasília, DF: MEC/SEESP. 2005.

CARIACICA. Conselho Municipal de Educação de Cariacica – COMEC. Res. 07/2011 publicada em 12/01/2012. Fixa normas para a Educação Básica no Sistema Municipal de Educação do Município de Cariacica.

COLAÇO, Veriana de Fátima Rodrigues, et. al. **Estratégias de mediação em situação de interação entre crianças em sala de aula**. Estudos de Psicologia 2007, 12(1), 47-56, disponível em <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v12n1/a06v12n1>. Acesso em 05 de janeiro 2016

COSTA, Maria Tereza. **A INVISIBILIDADE DO ALUNO SUPERDOTADO: PERCEPÇÃO DE UMA REALIDADE E UM CAMINHO A PERCORRER**. 2008. 226 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura do Centro de Ciências da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina. 2008.

CRUZ, Carly. **A Construção de Práticas de Atendimento do Aluno com Altas Habilidades/Superdotação no Espírito Santo: Alinhando Escritos e Escutas**. 2007. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de

Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

CRUZ, Carly. **Serão as Altas Habilidades/Superdotação Invisíveis?** 2014. 167 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**, 1994, Salamanca-Espanha.

FREEMAN, Joan; GUENTHER, Zenita Cunha. **Educando os mais capazes, idéias e ações comprovadas**. São Paulo. EPU. 2000. 186 p.

FREIRE, Paulo. **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA, Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo. Paz e Terra. 2006. 148 p.

FREITAS, Soraia Napoleão; PÉREZ, Suzana Graciela Pérez B. **Altas habilidades/superdotação, atendimento especializado**. 2. Ed. Marília. ABPEE. 2012. 140 p.

GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 356 p.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008, p. 196.

GLAT, Rosana (org.). **Educação inclusiva – cultura e cotidiano escolar**, 2007, Rio de Janeiro, 7 Letras.

GUENTHER, Zenita Cunha. **Caminhos para Desenvolver o Potencial e Talento**. Lavras. Ed. UFLA. 2011. 220 p.

_____. **Desenvolver capacidades e talentos Um Conceito de Inclusão**. 2. ed. Petrópolis, RJ. Vozes. 2006. 184 p.

JESUS, D. M.; VIEIRA, A. B. Formação de profissionais da educação e inclusão escolar: conexões possíveis. In: MAGALHÃES, R. de C. B. P. (Org.). **EDUCAÇÃO INCLUSIVA: escolarização, política e formação docente**. Brasília. Liber Livro. 2011. P 135-156

LANNA JÚNIOR, Mário Cléber Martins (Comp.). **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010. 443p. disponível para download em <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/Hist%C3%B3ria%20do%20Movimento%20Pol%C3%ADtico%20das%20Pessoas%20com%20Defici%C3%Aancia%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em 15 de dezembro de 2015.

MEIREU, Philippe. **Carta a um jovem professor**. Porto Alegre. Artmed. 2006. 93 p.

MIRANDA, Marília Gouvea de. **Inteligência e contemporaneidade**. Trabalho e Educação, Belo Horizonte, n. 4, ago./dez. 1998. Disponível em <http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/trabedu/article/viewFile/1526/1178>. Acesso em 22 de novembro de 2015.

MUNCINELLI Andreia Drozda. **Ordenamento Jurídico e Superdotação/Altas Habilidades**. Tuiuti: Ciência e Cultura, n. 48, p. 257-278, Curitiba, 2014. Disponível em http://www.utp.br/tuiuticienciaecultura/ciclo_4/tcc_48_hist_da_ccao/pdf_48/art_17.pdf, acesso em 05 de novembro de 2015

NOVAES, Maria Helena. **Desenvolvimento psicológico do superdotado**. São Paulo. ATLAS. 1979. 176 p.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **VYGOTSKY: Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sócio-histórico**. São Paulo. Editora Scipione. 2006. 111 p.

PEDRO, Ketilin Mayra. PALUDO, Karina Inês. CHACON, Miguel Claudio Moriel. **PROGRAMA DE ATENÇÃO A ALUNOS PRECOSES COM INDICADORES DE ALTAS HABILIDADES (PAPAHS): IDENTIFICAÇÃO E ATENDIMENTO**. In: VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2013, Londrina. Anais... Londrina de 05 a 07 de novembro de 2013. Disponível em https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/papah/anais--ketilin_karina_miguel.pdf. Acesso em 11 de janeiro de 2016.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**, edições Loyola, 3ª edição, São Paulo, Brasil, 2005. 146 p.

RENZULLI, J. S. **O que é esta coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos.** Educação, Porto Alegre, v. 27, n. 1(52), p. 75-131, abr. 2004. Disponível em <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=84805205>. Acesso em 23 jun. 2012.

ROMERO, Rosana Aparecida Silva, SOUZA, Sirleine Brandão de. **Educação inclusiva: alguns marcos históricos que produziram a educação atual.** São Paulo. Brasil, 2008. Disponível em http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/447_408.pdf. Acesso em 21 de outubro de 2015.

VIGOTSKY, L. S. **Psicologia Pedagógica.** 2. Ed. São Paulo. Martins Fontes. 2004. 562 p.

_____. **A formação social da mente.** 7ª edição. São Paulo. Martins Fontes. 2007.

Virgolim, Ângela M. R. **Altas habilidade/superdotação: encorajando potenciais.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. 70 p. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004719.pdf>. Acesso em 15 de agosto de 2015.

WINNER, Ellen. **Crianças Superdotadas, mitos e realidade.** Porto Alegre. Artmed. 1998. 290 p.